

27.11.2021 | 15.01.2022
JOSEÉ ALMEIDA PEREIRA
JOSEP MAYNOU

BALL DE TORNADA | DANÇA DE RETORNO

O Diabo e o Joker não jogam cartas

São três da madrugada num clube noturno de uma cidade europeia: Berlim, Paris, Barcelona, Porto... Néons vermelhos e azuis, um balcão em vidro, curto e ondulante, cadeiras e mesas em acrílico transparente. Ao fundo, uma sala oval coberta de espelhos.

Soa um techno minimal e frio, ligeiramente ascendente, monótono e vibrante. As pessoas dançam ao ritmo da música. É um clube pequeno, com o chão forrado a alcatifa verde escura. Numa prateleira de vidro, entre garrafas de vodka e tequila, um letreiro em néon vermelho: «PAN».

Sentado num banco, ao fundo do balcão, quase encostando à parede, um ser humanoide com cara de sapo coça a orelha com uma unha grossa e comprida. Veste um fato de seda cor-de-rosa, camisa lilás e sapatos de veludo cor de laranja, que contrastam com a sua pele húmida e amarela. O Diabo dá um gole no Bloody Mary que tem à sua frente, tira um maço de tabaco do bolso do casaco e acende um cigarro. Ninguém no local se apercebe da sua presença, nem mesmo o barman. Fuma e olha com repulsa para as pessoas que dançam na pista enquanto mexe a palhinha no copo com os seus dedos esqueléticos e viscosos. A Besta molha o filtro do cigarro com uma baba dourada que aos poucos amolece o tabaco.

De repente, saltando como um louco do meio da pista, surge um indivíduo com chapéu de arlequim. O Diabo não se surpreende: é o Bobo, o Palhaço, o Jolly Joker. O arlequim põe-se de quatro e começa a uivar. Aproxima-se do Diabo a gatinhar, que força um sorriso cúmplice.

- Tínhamos combinado? - pergunta a Besta.
- Às três e trinta e três, a tua hora preferida - responde o Joker, ainda de quatro.
- São três e um quarto.
- Por quê a pontualidade? Por que te preocupa tanto?
- Não me preocupa particularmente, digamos que é algo prático, um lugar comum... Uma obrigação que nos une a todos: o tempo.

- Feita a lei, inventada a malícia.
- Também podemos pensar assim, sim...
- Porque é que me querias ver?
- A verdade é que estava entediado.

O Diabo mete um dedo fino e nojento num dos orifícios negros que tem no meio da cara - uma espécie de nariz anfíbio e gelatinoso - e tira uma bola de ranho verde.

Atira-a aos olhos do barman. O barman começa a espirrar violentamente e sai por uma porta preta que há atrás do balcão.

- Se fosse eu, ia já a correr para o hospital.
- Calma, será apenas uma pequena crise alérgica.
- Quando te aborreces não me procuras a mim, bem sei. Tens amigos mais interessantes. O que queres?
- Não é má a música...

O Joker põe um baralho de cartas em cima do balcão.

- Jogamos uma partida?
- Isso não vale. Tu ganhas sempre.
- Mesmo contra o Diabo, é verdade. Podias tentar, pelo menos...

- Deixa-te de truques. Gostava de te fazer umas perguntas sobre o mundo da arte.

- Creio que te enganas na pessoa.

O Joker uiva novamente e levanta-se do chão com uma gargalhada nervosa. Tira o chapéu e mete a mão até ao fundo, de onde tira um cocktail com um líquido esverdeado. Debaixo do chapéu sai também uma longa cabeleira branca, que cai sobre os seus ombros até à altura do peito.

- "Caruso". Não te parece um nome lírico para um cocktail, Sua Satânica Majestade?

- Não te iludas. Talvez me venças às cartas, mas jamais me conseguirás enganar.

- Touché. O que queres saber exatamente? É um assunto um pouco complicado... Mas no fundo é muito simples.

- Preciso de massa e pensei que talvez pudesse ganhar alguma coisa com isso...

- Com a arte?

- Parece-me um investimento frutífero.

- E divertido, depende de como... se não o levores demasiado a sério.

- Não sofras. Como dizia o cabeludo: We're only in it for the money.

- Bem visto.

- Ouvi dizer que tens aconselhado uns quantos e com bastante êxito.
- Não é para me gabar, mas, na verdade... tens razão. Sem a minha ajuda, Duchamp, Hockney ou Fischli & Weiss teriam acabado a vender lápis num quiosque de aldeia.

- Quem são esses?

- Uns párias.

- Que me aconselhas para começar?

- No teu caso, o mais difícil já está feito. Tens que criar uma imagem, um personagem, uma marca.

- A minha aura precede-me.

- Isso não é suficiente. Tens que ser diferente, original.

- Sou Lucifer, Satanás, Mefistófeles... O Mal personificado.

O Diabo bebe um longo trago do seu Bloody Mary.

- Outro conselho: nunca digas a verdade - continua o Joker - engana toda a gente, mas, sobretudo, engana-te a ti próprio. Esta é a chave do sucesso no mundo da arte. Tens de mentir tão profundamente, tão sinceramente, que por fim já não sabes distinguir entre a verdade e a mentira. Se conseguires acreditar no teu próprio engano, triunfarás.

- E a técnica?

- Outro engano. Os melhores passam metade da sua vida a aprender a técnica e a outra metade a tentar esquecê-la. Começa logo pelo fim, esquece a técnica. Encontra um gesto que te torne único e repete-o até desapareceres nesse mesmo gesto.

- Desaparecer é uma das minhas melhores habilidades. Três, dois, um... E evaporo. Que mais?

- Finge que sabes do que falas, mesmo que não faças a mais pequena ideia. Fala com convicção. E deixa-te guiar pela intuição. Atrave-te a contradizer-te. Trata como ignorantes a quem te acusar de impostura.

- Sou o espírito da contradição...

- Como sabes, existem muitas dimensões. Numa somos comediantes, noutra visionários. A inconstância é o nosso princípio. Nada é essencial, tudo acontece em simultâneo.

- Tenho que admitir que és bom conselheiro.

- Mas os conselhos não são gratuitos, Sua Majestade. A partir do quinto tens de pagar.

- Talvez pudesses ser o meu representante... íamos a meias.

O Joker levanta o copo e observa a Besta através do líquido verde.

- Não trabalho com aprendizes. É demasiado arriscado. Espero que compreendas... Talvez mais tarde, quando demonstrares ser rentável.

O Diabo sorri com os seus olhos negros e brilhantes.

- Talvez nessa altura eu seja demasiado caro.

- Veremos. O último conselho que te ofereço esta noite: na arte é mais

JOSE P MAYNOU
JOSÉ ALMEIDA PEREIRA
27.11.2021 | 15.01.2022

importante a sorte que a aura. Olha, já são três e trinta e três...
O Diabo inspeciona a pista com o olhar. Uma rapariga,
a espumar-se e com as pernas a tremer por uma forte
convulsão, cai fulminada no chão.

- Em que trabalhas agora? - pergunta a Besta.
- Estou a orientar dois putos... Um catalão e um português. Inauguram na próxima semana.

As sapatilhas da rapariga começam a arder. Numa fração
de segundos, os pés de todos os outros incendeiam. Uma
multidão de pés que dançam e cospem chamas.

- Acho que vamos trabalhar juntos uns tempos, - disse o Joker
- bebendo de um só golo as últimas gotas do Caruso.

GABRIEL VENTURA
2021